

O Conceito e configuração social em Norbert Elias – Espaço Social de ambivalência?

Elisa Pereira Gonsalves
DHP/Centro de Educação
Universidade Federal da Paraíba

Buscar a visibilidade da vida social a partir das janelas conceituais de Norbert Elias é uma tarefa exigente e prazerosa, marcada pelo humilde reconhecimento do sociólogo de que nós temos dificuldade de nomear a vida.. Atento aos desafios do processo de investigação social, Elias chama atenção para o fato de que descobrimos movimentos, fluxos, descontinuidades e, extasiados e perplexos diante do novo, descobrimos também que nos faltam conceitos e até palavras que permitam indicar uma aproximação adequada ao que está diante dos nossos olhos.

O Conceito e configuração social em Norbert Elias – Espaço Social de ambivalência?

Elisa Pereira Gonsalves
DHP/Centro de Educação
Universidade Federal da Paraíba

Buscar a visibilidade da vida social a partir das janelas conceituais de Norbert Elias é uma tarefa exigente e prazerosa, marcada pelo humilde reconhecimento do sociólogo de que nós temos dificuldade de nomear a vida.. Atento aos desafios do processo de investigação social, Elias¹ chama atenção para o fato de que descobrimos movimentos, fluxos, descontinuidades e, extasiados e perplexos diante do novo, descobrimos também que nos faltam conceitos e até palavras que permitam indicar uma aproximação adequada ao que está diante dos nossos olhos.

Quando Elias² ressalta a idéia de que o movimento próprio do pensamento, no sentido de dar uma intelegibilidade às relações sociais, permanece lacunar. Aqui, uma questão fundamental é colocada: conhecer exige comunicação, designação. Exige palavra. E a nomeação corresponde sempre a uma forma de apropriação precária. É certo que só temos à medida que designamos – este parece ser um grande desafio dos pesquisadores em todas as áreas: designar, nomear. No entanto, a linguagem é o nosso esforço humano, é o nosso modo de buscar a realidade. É também o nosso limite. Como diz Clarice, *“por destino tenho que ir buscar e por destino volto comas mãos vazias. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem.”*³

Neste sentido, a linguagem aprisiona. O esforço humano de nomear as coisas traz em si uma incompletude, uma limitação. O movimento da descoberta é incessante e é justamente o ato de buscar que nos leva para encontros inesperados com o novo. O achar – que se confunde com o que já sabemos, com o que já conhecemos - brota das nossas certezas, não remete para o desconhecido.

Quando obscurecemos os limites da linguagem, tendemos a edificar um modelo ideal que coloca à sombra e à margem os possíveis elementos inovadores, pois descrevemos estados petrificados e não conseguimos designar o movimento da vida social – ele nos escapa.

Além disso, temos dificuldade de lidar com o movimento, de nomeá-lo e por que não dizer, dificuldade de lidar com o que está vivo, o que nos coloca confortavelmente ao lado do que não tem respiração. Mas precisamos dar conta do que pulsa.

É nesse contexto que encontro Norbert Elias. Pretendendo contribuir para a eliminação da rigidez do pensamento que distingue e separa o indivíduo da sociedade e ciente dos limites da linguagem, Elias apresenta o conceito de configuração. Acolho esse conceito como mais um esforço humano que revela o nosso eterno buscar e não achar, por destino.

¹ Elias, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

² Idem. *Ibidem*.

³ Lispector, Clarice. **A Paixão segundo GH**. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

A idéia de jogo talvez seja a primeira aproximação necessária para o entendimento do conceito de configuração:

Se quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração. As suas ações são interdependentes. Neste caso, ainda é possível curvarmo-nos perante a tradição e falarmos do jogo como se este tivesse uma existência própria. É possível dizer: « O jogo hoje à noite está muito lento! ». Porém, apesar de todas as expressões que tendem a objetivá-lo, neste caso o decurso tomado pelo jogo será obviamente o resultado das ações de um grupo e indivíduos interdependentes. Mostrámos que o decurso do jogo é relativamente autónomo de cada um dos jogadores individuais, dado que todos os jogadores têm aproximadamente a mesma força. Mas este decurso não tem substância, não tem ser, não tem uma existência independente dos jogadores, como poderia ser sugerido pelo termo «jogo». Nem o jogo é uma idéia ou um «tipo ideal», construído por um observador sociológico através da consideração do comportamento individual de cada um dos jogadores, da abstracção das características particulares que os vários jogadores têm em comum e da dedução que destas se faz de um padrão regular de comportamento individual⁴.

A configuração é entendida como um “padrão” criado pelos jogadores, padrão este mutável que compreende o conjunto criado pelos jogadores através de suas mentes, suas ações nas relações com os outros

O jogo é um sistema de interdependência complexo que serve para pensar relacionamente os grupos humanos. Como ferramenta conceitual, a idéia de jogo serve tanto para compreender grupos menores como grupos que possuem grandes dimensões. É importante destacar que a opção por um estudo de um pequeno grupo não significa simplificar a pesquisa pois a natureza das relações sociais é a mesma e extremamente complexa. O aumento do número de jogadores indica apenas o “caráter exponencial” das interações possíveis⁵.

Aqui reside um elemento-chave: o jogo, em Elias, não remete para o conjunto de regras e não é definido por elas; o jogo é uma combinação provisória e dinâmica das relações sociais. O movimento da vida social é o jogo para Elias, o jogo “*se apresenta como uma lei geral do funcionamento social e se impõe, pois, como um imperativo do qual ninguém poderia fugir*”⁷. Configuração seria, portanto, uma *abrangência relacional*, o modo de existência do ser social e a possibilidade conceitual de aproximação às emergências do cotidiano.

Remeter o conceito de configuração apenas para a sua realidade material – número de jogadores e regras existentes – significa, portanto, uma distorção. Uma configuração social é sempre um espaço de síntese, sempre provisória, do movimento dialético da realidade.

Entender que o essencial está na relação é o desafio mais caro. Como diz Clarice, na relação está a respiração do mundo: “*entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço(...) nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo(...) que ouvimos e chamamos de silêncio.*”⁸

O estudo de uma configuração social não pode ser reduzido ao estudo de um elemento, isoladamente: não basta a compreensão de aspectos do comportamento ou das ações das pessoas, individualmente consideradas, é preciso acenar para a interdependência, para as configurações que as pessoas estabelecem umas com as outras. É preciso pensar na *linha de mistério e fogo* de Clarice, para enxergar o que existe no intervalo de espaço entre os dois grãos de areia.

A centralidade das relações no pensamento de Elias tem levado alguns autores a associar o trabalho do sociólogo “*a um modo de pensamento que chamaríamos atualmente de estrutural ou até mesmo estruturalista*”⁹.

⁴ Elias, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa, Edições 70, 1999, pp. 141-142.

⁵ Idem. *Ibidem*. p.142.

⁶ Garrigou, Alain. O “Grande Jogo” da Sociedade. In: Garrigou, Alain e Lacroix, Bernard. **Norbert Elias: a política e a história**. São Paulo, Perspectiva, 2001, p.77.

⁷ Idem. *Ibidem*, p.78.

⁸ Lispector, Clarice. A Paixão segundo GH. Rio de Janeiro, Rocco, 1998, p.98.

⁹ Heinich, Nathalie. **A Sociologia de Norbert Elias**. São Paulo, EDUSC, 2001, p.120.

Acredito que essa discussão merece destaque. Sob inspiração estruturalista, as configurações sociais estariam subordinadas a leis que determinariam a sua forma e o seu conteúdo, cabendo ao pesquisador desvelar as leis internas (sejam elas estáticas ou dinâmicas). Considero essa questão um núcleo fértil porque, ao contrário do que poderia ser uma aproximação, é justamente este o ponto de evidencia uma descontinuidade do pensamento de Elias ao pensamento moderno.

Elias distingue duas tarefas da Sociologia: “o exame e interpretação de forças compulsivas específicas que agem sobre as pessoas nos seus grupos e sociedade” como também a “libertação do discurso e do pensamento relativos a essas forças”¹⁰. Ao chamar para si a tarefa de contribuir para a reorientação do discurso e do pensamento das pessoas no que se refere às forças que as pessoas exercem umas sobre as outras, Elias afirma que

“Seria mais fácil compreender que tais forças são totalmente distintas, se a nossa linguagem e pensamento não estivessem tão totalmente penetrados por palavras e conceitos tais como ‘necessidade causal’, ‘determinismo’, ‘leis científicas’ e outras do mesmo tipo. Estes denotam modelos derivados de uma experiência prática n o campo das ciências naturais, da física e da química. Foram mais tarde transferidos para outros campos de experimentação, para os quais não tinham sido de modo algum primeiramente destinados, como por exemplo o campo das relações humanas, a que chamamos sociedade. Nesse processo perdeu-se a consciência da sua relação original com as descobertas relativas a acontecimentos físico-químicos. Assim, apresentam-se-nos agora como concepções a priori do modo como os acontecimentos se interligam; todos os homens parecem possuí-los como fazendo parte de um senso comum ou de uma razão inatos, independentes da experiência.”¹¹

O terreno em que se movem as configurações é fugidio, não se prende a determinismos nem a leis científicas. Interpretar as forças compulsivas significa mergulhar em singularidades para contemplar o seu movimento e descreve-lo, não impondo o trabalho de elaboração de leis. Em Elias pode-se perceber uma necessidade de aproximação acariciante à realidade para mostrá-la como é, aos nossos olhos, longe de qualquer razão legislativa que se realiza pela obsessão do dever ser.

Quando Elias constitui o jogo pelo movimento acena para a incerteza e para imprevisibilidade. Os indivíduos estão ligados entre si e as relações que estabelecem com os outros são necessariamente relações de poder, cujo equilíbrio é instável. Dependendo da configuração, pode-se acostar para um lado ou para o outro, ou ainda pode estar numa situação momentânea de equilíbrio.

No interior da configuração não se tem um controle absoluto das trocas e das relações. Aqui Elias recorre a noção de valências abertas ou desligadas, que emergem como possibilidades, como vetores que podem atingir zonas conhecidas ou desconhecidas, que podem estar ou não na dependência do indivíduo.

Os vetores, quer estejam correspondendo a um equilíbrio de poder mais ou menos instável, quer representem valências abertas, são figuras de ordem/desordem porque ocasionam naturalmente a dissensão, pela diferença, desafiando as regras existentes do jogo, tendo inclusive poder de destruição, não do jogo – o modo próprio de ser da sociedade – mas daquela configuração, daquele movimento específico. O movimento não se constitui por uma dinâmica integradora, que cuida da sobrevivência do sistema. O movimento é fonte de vida e de morte da configuração.

O mundo ordenado é o mundo no qual sabemos como prosseguir, sabemos qual será o próximo passo. O mundo ordenado possui ligações constantes, passíveis de controle e de medição. As configurações confundem, causam estranheza, não tem direção, não são planejadas. O conceito de configuração permite entender a existência social não ordenada.

O conceito de configuração em Elias parece, portanto, confrontar-se com o esforço da linguagem em sustentar a idéia moderna de ordem e, por conseguinte, em negar ou excluir o acaso e a contingência. O conceito de configuração constitui-se na e pela ambivalência, ambivalência que é uma desordem específica do esforço de nomear, por nascer da auto-constituição da ordem.

¹⁰ Elias, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa, Edições 70, 1999,p.18.

¹¹ Idem. *Ibidem*,p.22.

Quando rejeita enfaticamente as disjunções do pensamento sociológico, Elias também faz referência ao binômio ordem/desordem: “*entre os homens, tal como na natureza, não é possível o caos absoluto*”¹². Para Elias

*“a palavra ‘ordem’ não está a ser usada no mesmo sentido do que quando se fala de ‘ordem e lei’ou, de uma forma adjectiva, de uma pessoa ‘ordenada’ em oposição a uma pessoa ‘desordenada’. Fala-se de ordem no mesmo sentido em que se fala de uma ordem natural, na qual a decadência e a destruição têm o seu lugar como processos estruturados lado a lado com o crescimento e a síntese e a morte e a desintegração lado a lado com o nascimento e a integração.”*¹³

O “equilíbrio flutuante” muitas vezes reiterado por Elias como “*uma característica do fluxo de cada configuração*”¹⁴ corresponde, portanto, a afirmação de que o estado natural das coisas é a ambivalência. Isto significa que as configurações possuem dois ou mais aspectos diferentes ou até opostos que convivem e não se excluem.

Atribuir ao conceito de configuração a qualidade de ambivalente indica, também, o reconhecimento dos limites da linguagem. A ambivalência é tida como desordem, falta de precisão, impossibilidade de classificação. A modernidade previne a ambivalência porque vive sob o espectro do mundo ordeiro e de uma ciência masculina que pretende controlar e dominar as coisas da natureza e da sociedade. A modernidade classifica, inclui e exclui, realizando um ato de violência contra o mundo porque a vida não é dividida, a vida não se deixa enclausurar.

A ambivalência, entretanto, é resultado do trabalho moderno de classificação e exige um esforço maior:

*“Embora nascida do impulso de nomear/classificar, a ambivalência só pode ser combatida com uma nomeação ainda mais exata e classes definidas de modo mais preciso ainda: isto é, com operações tais que farão demandas ainda mais exigentes (contrafactuais) à descontinuidade e transparência do mundo e assim darão ainda mais lugar à ambigüidade. A luta contra a ambivalência é, portanto, tanto autodestrutiva quanto autopropulsora. Ela prossegue com força incessante porque cria seus próprios problemas enquanto os resolve.”*¹⁵

A questão-chave mediante a configuração não é medir, tocar, precisar matematicamente. Mediante configurações sociais a exigência é a de visualizar as *linhas de mistério e fogo*, os vetores, que revelam forças concentradoras e dispersoras, sem leis que as regem.

O conceito de configuração de Elias indica uma importante superação do modelo que prevaleceu no pensamento moderno e ajuda a “*fazer esse mundo falar a nós, por assim dizer, tornar audíveis os seus silêncios: explicar o que aquele mundo não percebia.*”¹⁶. Pela sua entrada epistemológica que está vinculada com a recusa ao pensamento disjuntivo, Elias nos ajuda a não reconstruir um “outro mundo”, mas a dar lugar ao “outro do nosso próprio mundo”¹⁷. E, mais uma vez, estamos diante de um humanista que não esconde o seu desejo de viver uma democracia.

A nós, cabe a disposição para o acolhimento. Cabe a sensibilidade para enxergar as descontinuidades. Como escutar uma música. Identificar notas não basta. Ao mesmo tempo em que é soma de notas, é mais do que isso. Lembremo-nos de Mozart:

O imperador José II, que de algum modo se envolvera no projeto de O rapto do serralho enquanto protótipo da Singspiel alemã, ficou nitidamente insatisfeito com o trabalho final. Declarou ao compositor após a première em Viena: “Notas demais, meu caro Mozart, notas demais”.

¹² Idem. Ibidem. p.82.

¹³ Idem. Ibidem.p.82.

¹⁴Idem. Ibidem,p.143.

¹⁵ Bauman, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro, Zahar, 1999, p.11.

¹⁶ Idem. Ibidem. p.13.

¹⁷ Idem. Ibidem. P.14.

Parece que uma das cantoras também se queixou de que sua voz não podia ser ouvida acima da orquestra. Igualmente nesse ponto, sem se dar conta, Mozart tinha inaugurado outro deslocamento na relação de poder. Nas óperas de corte ao estilo antigo, os cantores é que mandavam. A música instrumental era subserviente; estava ali apenas para acompanhá-los. Mas, no Serglio, Mozart mudou um pouco este equilíbrio de poder; algumas vezes gostava de intercalar vozes humanas com as dos instrumentos, numa espécie de diálogo. Solapou, assim, a posição privilegiada dos cantores. E ao mesmo tempo inquietou a sociedade de corte, que, numa ópera, estava acostumada a ter empatia com as vozes humanas e não com as vozes simultâneas da orquestra. Se Mozart deu à orquestra algo a ser dito, o público não escutou. Somente escutou “notas demais”¹⁸.

¹⁸ Elias, Norbert. **Mozart: a sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994, pp.128-129.